

Simonsen apóia medidas. E dá conselhos.

Para ele, o governo deve impor medidas de austeridade e autodisciplina. E só uma mudança na política dos EUA pode resolver a crise.

É a mais acertada a estratégia que o Brasil está seguindo, diante da crise internacional, ao procurar adotar internamente medidas de austeridade para convencer a comunidade financeira e resistir à renegociação formal da dívida externa. A opinião é do ex-ministro do Planejamento dos governos Geisel e Figueiredo, Mário Henrique Simonsen, expressa ontem no Rio.

Simonsen não quis analisar a situação de curíssimo prazo por não dispor dos dados sobre as reservas cambiais, mas disse que em Nova York, de onde voltou de uma reunião da diretoria do Citicorp da qual faz parte, todos os grandes banqueiros estão torcendo para que o Brasil não precise renegociar sua dívida externa.

O ex-ministro do Planejamento destacou que o Brasil não se deve precipitar no caminho da renegociação, pois essa opção é muito dolorosa, citando os exemplos do México e da Argentina. Acha que a crise internacional é a mais grave e profunda desde a Grande Recessão de 1929/30, e que sua solução só poderá ser encontrada dentro de um consenso geral dos países industrializados, reforçando instituições financeiras e de comércio internacionais como o Fundo Monetário, Banco Mundial e Gatt.

Enquanto essa solução não vier, entende que o caminho a seguir é o de resistir e aguardar, impondo medidas de austeridade e autodisciplina, dando demonstrações de que o País não precisa de um **stand by** do FMI para gerir corretamente sua economia. Paralelamente, aconselha que o Brasil faça acordos bilaterais com países como a Nigéria, México e Argentina para a retomada do intercâmbio comercial, mediante trocas complementares de petróleo por máquinas operatrizes e bens de capital.

Mostra Simonsen que esses países estão com maiores dificuldades que o Brasil, quase sem poder importar, apresentando-se como uma boa oportunidade para os convênios bilaterais. A médio prazo, Simonsen aconselha que o Brasil procure ajustar sua economia à nova fase de crédito escasso no mercado internacional, com uma expansão media anual projetada pelo FMI de apenas 8%, cortando parte dos subsídios da economia e o déficit público, "como de resto o governo já vem fazendo".

Considera Simonsen que o turbilhão da crise internacional não

passará rapidamente, assinalando que será necessária uma nova coordenação do sistema financeiro internacional, em que sejam delegados ao FMI maiores poderes e recursos para que esse órgão desempenhe o papel que os bancos privados estavam fazendo, de reciclar os dólares para os países carentes de recursos.

A seu ver, o próprio governo norte-americano já está preocupado com a crise, citando como exemplo a afirmação de Reagan de que era necessário que a Reserva Federal (FED) subordinasse sua política ao Tesouro norte-americano.

Em ligeira análise da crise, mostrou que ela foi agudizada pela política econômica de Reagan, em que um enorme déficit fiscal e uma política monetária muito apertada elevaram as taxas de juros às nubes. Com isso, o dólar supervalorizou-se em todo o mundo. Apenas em relação ao marco alemão o dólar se valorizou mais de 32%. (Veja matéria à esquerda).

A supervalorização do dólar e a alta dos juros provocaram a especulação financeira e a recessão nos Estados Unidos. Pela valorização do dólar, ficou mais barato aos norte-americanos comprar produtos importados que os fabricados em seu próprio mercado, trazendo, assim, a recessão que, pelo peso dessa economia se espalhou no mundo inteiro. A alta de juros canalizou investimentos para ativos financeiros em detrimento dos investimentos à produção. Hoje, os países do Mercado Comum Europeu estão com 35 milhões de desempregados. Os Estados Unidos estão com nível de 10% de desemprego, média só alcançada em 1929.

Segundo Simonsen, as soluções para a crise seriam uma mudança na política econômica norte-americana que parece estar sendo esboçada, com a contenção do déficit público, e uma política monetária mais folgada por parte da FED, para fazer com que o dólar passe a flutuar para baixo até encontrar seu piso natural. Com a desvalorização do dólar, a atividade econômica nos Estados Unidos será reativada. Tudo isso exige determinada defasagem de tempo, mas certamente poderá ocorrer estimulando as economias dos demais países. Entretanto, apenas com maiores poderes, o FMI poderá evitar as grandes flutuações cambiais que poderão agravar ainda mais a crise presente, segundo o ex-ministro do Planejamento.